

DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA NO BRASIL

CHILDREN'S LITERACY CHALLENGES IN TIMES OF PANDEMIC IN BRAZIL

Marilda Gonçalves da Silva ¹

Cassiane Gomes dos Santos ²

Bruno Guilherme Gonçalves ³

Camilo Tavares Costa de Souza ⁴

Resumo: Objetivou-se com este trabalho abordar a alfabetização dos anos iniciais em tempos de pandemia, discorrendo sobre sua importância e os desafios enfrentados pelos professores e alunos nesse contexto. A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica, utilizando-se a plataforma do Google-Acadêmico, com o uso dos descritores "Alfabetização e letramento", "Ensino e aprendizagem da leitura", "Desafios da alfabetização em tempos de pandemia", em periódicos nacionais. Neste estudo foi possível relatar os principais desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores e pelos alunos que passaram a ser alfabetizados remotamente. Afinal, os professores conseguiram alfabetizar seus alunos em tempos de pandemia? A alfabetização no Brasil sempre foi um desafio, portanto a apresentação de dificuldades dos alunos e professores pode orientar o desenvolvimento de políticas públicas, a fim de atenuar as desigualdades. Assim, é fundamental a formação continuada do professor, inclusive sobre a manipulação dos recursos digitais aplicados à alfabetização.

Palavras-chave: Coronavírus. Ensino Remoto. Leitura. Letramento.

Abstract: The objective of this work was to approach literacy in the early years in times of pandemic, discussing its importance and the challenges faced by teachers and students within this context. The methodology used was bibliographic research, using the Google Scholar platform, with the use of descriptors "Literacy and literacy of reading", "Challenges of literacy in times of pandemic", in national journals. In this study, it was possible to report the main challenges faced by the literacy teachers and the students who became remotely literate. After all, did teachers succeed in making their students literate in times of a pandemic? Literacy in Brazil has always been a challenge, so the presentation of difficulties of students and teachers can guide the development of public policies to mitigate inequalities. Thus, continued teacher training is fundamental, including the manipulation of digital resources applied to literacy.

Keywords: Coronavirus. Remote Teaching. Reading. Literacy.

-
- 1** Graduada em Matemática pela Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina (FAFIDIA) e Física Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Especialista em Educação pelo Instituto Federal do Norte de Minas Geras (IFNMG). Professora efetiva em Educação Básica lotada na Escola Municipal Professora Lourdes Maria de Araújo, Datas, Minas Gerais, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5638419461726107>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3613-7776>. E-mail: marildasilva366@gmail.com
 - 2** Graduada em Zootecnia (UFVJM); Mestre em Zootecnia (UFVJM). Atualmente é doutoranda em Zootecnia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6361558224965501>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5688-7067>. E-mail: cassianezootecnia@gmail.com
 - 3** Graduado em Agronomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestre em Produção Vegetal pela (UFMG). Atualmente é doutorando em Fisiologia Vegetal pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2611360052180568>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6669-4901>. E-mail: bruno.guilherme14@yahoo.com.br
 - 4** Especialista em Informática na Educação pelo Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Mestrando em Estudos Jurídicos com ênfase em Direito Internacional pela MUST University (MUST) e graduado em Direito (FAI). É professor no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA) e no Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão (UniFacema). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8430930303617571>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3117-1940>. E-mail: camilotavares10@gmail.com

Introdução

A pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) promoveu a necessidade de reinvenção das práticas pedagógicas pelo corpo docente escolar. Por isso houve a necessidade de manter o distanciamento social, como medida preventiva contra a disseminação do coronavírus. Assim, as aulas remotas foram a alternativa mais condizente com as recomendações determinadas pelos órgãos de saúde, para que o processo de ensino/aprendizagem não fosse estagnado.

O processo de alfabetização e letramento no Regime Especial de Atividades Não Presenciais (REANP) foi e está sendo um grande desafio para a comunidade escolar, inclusive para as famílias que tiveram que acompanhar e auxiliar suas crianças no desenvolvimento das atividades escolares. Em vista disso, os professores tiveram que reinventar as práticas pedagógicas e trabalhar a alfabetização, entretanto com um novo desafio: fora do ambiente alfabetizador da escola, onde a troca entre os professores e alunos ocorria de forma direta, principalmente nesse nível de ensino.

Nesse contexto, muitos questionamentos surgiram pela comunidade escolar: como continuar o processo de alfabetização? Como orientar os professores em um novo formato de ensino? Como oferecer às crianças um ensino de qualidade? Como progredir nas teorias e práticas da alfabetização e letramento remotamente? Com o REANP observou-se a migração abrupta do ensino presencial para o ensino virtual, expondo muitas dúvidas da eficiência da alfabetização remota. Por ser um tema recente, ainda são poucos os trabalhos que abordam os reais impactos da alfabetização infantil em tempos de pandemia, visto que essa atividade era geralmente desenvolvida de forma presencial.

Dessa forma, objetivou-se com esse trabalho abordar a alfabetização dos anos iniciais em tempos de pandemia, discorrendo sobre sua importância e os desafios enfrentados pelos professores e alunos nesse contexto. A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica, utilizando-se a plataforma do Google-Acadêmico, com o uso dos descritores “Alfabetização e letramento”, “Ensino e aprendizagem da leitura”, “Desafios da alfabetização em tempos de pandemia”, em periódicos nacionais.

Este trabalho fundamentou-se nas hipóteses de que alunos e professores não obtiveram suporte técnico adequado para a utilização de ferramentas tecnológicas, que o novo modelo de ensino exigia. Além disso, a exclusão digital foi um agravante para dificultar o acesso dos alunos às aulas remotas. Portanto, esses gargalos questionam a qualidade do ensino ofertado durante o período remoto, sobretudo para alunos em fase de alfabetização.

Alfabetização e letramento

O termo “alfabetização” é usado para designar a iniciação à leitura, ou seja, os procedimentos que permitem tornar alguém capaz de utilizar o alfabeto, caminho que conduz à verdadeira leitura (MORAIS, 2013). A alfabetização é um processo que não se finda, uma vez que a sociedade está em constante mudança, e está fortemente ligada à instrução formal, ou seja, às instituições e práticas escolares (TFOUNI, 2017). Paulo Freire compreende a alfabetização numa concepção mais ampla. Para ele “[...] a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2017, p.10). Quando o conceito de letramento começou a se expandir, a alfabetização foi reduzida simplesmente à descodificação, concluindo que o letramento é o produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico (FERNANDES, 2010). Mortatti (2004, p.11) por sua vez sugere que “[...] até por ser uma palavra recente, nem sempre são idênticos os significados que lhe vêm sendo atribuídos [...], assim como os objetivos com que é utilizada.

[...] incluíam-se no grupo designado com alfabetizados quem apenas conseguisse decifrar palavras ou escrever o seu próprio nome e quem não hesitasse perante textos complexos ou obras extensas e redigisse com correção. Com a diversidade de situações de pessoas, grupos, perante a leitura foram surgindo outros conceitos, entretanto a distinção entre alfabetização e alfabetização funcional, esta última considerada como o conjunto de habilidades e práticas que inclui ler, escrever e usar números recorrendo a materiais escritos, para que cada pessoa possa participar em todas as atividades necessárias à sua comunidade, usando a leitura e a escrita para o seu próprio desenvolvimento (ALÇADA, 2021, p.15).

Alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português escrito do Brasil, compreendendo como se dá esse processo longo de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante. Para isso, é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. Conhecer o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever envolve a consciência fonológica da linguagem.

A percepção de sons, como se separam e se juntam em novas palavras, não ocorre como uma relação tão simples quanto as cartilhas ou livros de alfabetização sugerem. O Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) de Língua Portuguesa, por exemplo, valoriza o uso da língua nas diferentes situações com sua diversidade de funções, variedade de estilos e modos de falar (MINAS GERAIS, 2018). Segundo Soares (2004), é importante que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento, com a participação em eventos variados de leitura e de escrita:

[...] a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático – particularmente a alfabetização, em suas diferentes facetas – outras caracterizadas por ensino incidental, indireto e subordinado a possibilidades e motivações das crianças (SOARES, 2004, p.16).

O letramento é um conjunto de práticas sociais que usa a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos e para objetivos específicos (KLEIMAN, 2008). Nesta mesma perspectiva, Marcuschi (2001, p. 25) afirma que “o letramento envolve as mais diversas práticas da escrita na sociedade [...] o letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita”.

Desse modo, pode-se inferir que uma das principais diferenças entre a alfabetização e o letramento é a qualidade do domínio sobre a leitura e a escrita, pois enquanto o alfabetizando sabe codificar e decodificar o sistema de escrita, o letrado vai além, sendo capaz de dominar a língua no seu cotidiano, nos mais distintos contextos. E o docente alfabetizador vai criando alternativas cada vez mais eficazes ao nível do aluno para que esse possa ir além do que é proposto, pois o professor tem um papel fundamental no desenvolvimento do aluno.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, possui objetivos próprios que devem ser alcançados. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir aos estudantes amplas oportunidades de apropriação do sistema de escrita de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de letramento. Dessa forma, é importante o envolvimento em práticas diversificadas de letramento, como aponta o Parecer CNE/CEB n.º 11/2020: “os conteúdos dos diversos componentes curriculares [...] ao descortinar às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo” (BRASIL, 2010, p. 22).

Para aumentar a eficiência da alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na sociedade atual, são exigidos do indivíduo conhecimentos e habilidades que lhes permitam interpretar e analisar, de maneira crítica, a crescente quantidade de informações, veiculadas com velocidade cada vez maior. Nesse contexto, conhecer e usar bem a língua materna se faz altamente necessário para que o cidadão participe ativamente do mundo em que vive.

Os primeiros anos dos anos Iniciais do Ensino Fundamental são dedicados, especialmente, ao processo de “alfabetizar letrando”, isto é, possibilitar ao aluno que tenha acesso a práticas letradas e a participação nessas práticas, ao mesmo tempo em que a estrutura e o funcionamento do sistema de escrita são explorados (MINAS GERAIS, 2018, p. 224).

A meta a ser alcançada com a alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental é o domínio do sistema alfabético de representação da escrita, para escrever, ler e interpretar com autonomia os textos redigidos. Deve ter, pois, consolidado não só as habilidades a respeito do funcionamento da língua escrita, mas também as habilidades referentes à leitura e à escrita necessárias para expressar-se, comunicar-se e participar das práticas sociais letradas; bem como ter desenvolvido o gosto e o apreço pela leitura, consideradas para este segmento de aprendizagem.

Ensino e aprendizagem da leitura

A relação entre leitura, escrita e fala é um fator de primeira grandeza na evolução da espécie humana. Tecnicamente, a escrita construiu uma codificação da fala e a leitura constitui uma descodificação da escrita. Lê-se o que se escreve e escreve-se o que se pensa. Escrita é, acima de tudo, uma extensão extraordinária da memória. O processo da escrita e da leitura é tão importante que é usualmente considerado pelos historiadores como o marco da passagem da pré-história a história (FISCHER, 2006). Para que a aprendizagem da leitura aconteça, é necessário um processo sistemático, intencional e prolongado de instrução, ou seja, uma co-construção social entre o sujeito que aprende e o que ensina.

A Constituição Federal (BRASIL, 1988) define como um direito de todos e dever do Estado e da família a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; mais precisamente torna a educação básica um direito subjetivo. Todo cidadão tem o direito à leitura e compartilha o potencial nato para aprender a ler. Mas nem todos aprendem a ler sozinhos, o que demanda a inclusão dessa tarefa nas atividades curriculares do ensino fundamental, tão logo o aluno ingresse na escola. Esse aprendizado é construído gradativamente até que a criança atinja o domínio da leitura.

A leitura é uma fonte constante de conhecimento e aprendizagem, possibilitando o crescimento pessoal, intelectual e ético nos mais diversos campos, alcançando múltiplas habilidades do potencial humano (ALÇADA, 2021). Para as crianças a leitura é uma atividade importante, pois potencializa a aquisição de informação, constitui um instrumento de reflexão crítica e promove um impacto emocional para o seu bem estar e relacional com a sociedade.

O ensino da leitura, para ser eficaz, envolve o conhecimento de aspectos específicos da sua aprendizagem, bem como de métodos e técnicas do domínio da didática. É necessário se ter domínio dos métodos que serão empregados para ensinar a ler, considerando os processos cognitivos que sustentam a aprendizagem da leitura e os limites de memória no processamento da informação escrita.

A abordagem da leitura ocorre desde os anos iniciais da educação infantil e se torna gradativa à medida que o aluno avança nas fases escolares. Por conseguinte, os conhecimentos obtidos durante o processo de alfabetização por meio da consciência fonêmica, decodificação, fluência, ortografia e morfossintaxe são consolidados. Tudo isso conjugado ao saber do professor em sala de aula, que rege o processo de ensino/aprendizagem (LOPES, 2021).

As crianças que aprendem a ler sem grandes dificuldades, com rapidez e fluência geralmente continuam a desenvolver e realizar o percurso escolar com sucesso, enquanto aquelas que desenvolvem essa habilidade com mais dificuldade evoluem de forma mais lenta. Se não houver a intervenção adequada, distancia-se cada vez mais da escola e tendem a revelar problemas ao longo do percurso escolar e, quando adultos, mantêm problemas na descodificação e na compreensão de textos escritos. Ler com dificuldade torna-se muitas vezes um obstáculo à inserção do indivíduo à sociedade e pode contribuir para gerar risco grave de exclusão social. Esses elementos são considerados decisivos para a aprendizagem e dependem das experiências vividas tanto no contexto familiar como em contextos de creches e jardins de infância. Hábitos ou práticas de leitura são atividades culturais que consistem no uso mais ou menos regular da competência que se designa como literacia.

A frequência e o modo como é praticada a leitura são notáveis, principalmente nas primeiras fases da vida da criança, pois condicionam a aprendizagem. O desenvolvimento da leitura e o nível de literacia tendem a influenciar o hábito como leitor. Desde cedo as crianças são motivadas a conhecer, identificar e interpretar o assunto que os veículos de comunicação trazem, elevando cada vez mais o uso da leitura na escola e fora dela. Portanto, vários meios de comunicação podem ser empregados nas práticas de leitura e contribuem para diversificar os tipos de textos escritos, mas não substituem a necessidade da leitura elementar, enfatizando a sua importância (ALÇADA, 2021).

Para que o ensino seja efetivo, além dos conhecimentos específicos e pedagógicos, os professores devem conhecer o educando, sobretudo suas dificuldades e demandas. Portanto, é fundamental que o educador adapte e aplique os métodos mais eficientes sobre a leitura e didática à capacidade cognitiva dos alunos (LOPES, 2021). Além disso, a aprendizagem da leitura é essencial

nos meios educativos, expondo parte das crianças em nível de desigualdade em comparação aos colegas e prejudicando todo o seu percurso escolar (ALÇADA, 2021).

Desafios da alfabetização em tempos de pandemia

A pandemia prejudicou o processo de alfabetização, principalmente dos alunos da rede pública e de baixa renda, que mais sofreram com a adaptação do ensino ao uso de recursos tecnológicos, cuja aquisição fugiu do poder de compra de muitas famílias. Isso acentuou a desigualdade já existente na qualidade de ensino ofertado nas escolas, ou seja, os problemas enfrentados pela alfabetização no Brasil foram agravados com a pandemia (ASSIS; LYRIO; OLIVEIRA, 2021).

O distanciamento social e a suspensão das atividades escolares de modo presencial mudaram a rotina da comunidade escolar, interromperam o processo de alfabetização e ocasionaram a adoção do ensino remoto emergencial. A importância da educação, inclusive da alfabetização, exigiu a reinvenção das práticas pedagógicas, agora adaptadas ao distanciamento social (SILVA, 2021).

É nesse contexto que vem emergindo uma configuração do processo de ensino-aprendizagem denominada Educação Remota, isto é, práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais, como aplicativos com os conteúdos, tarefas, notificações e/ou plataformas síncronas e assíncronas [...] (ALVES, 2020, p. 352).

Em tempos de pandemia, o professor foi preparado para enfrentar o ensino remoto? Ele apresentou domínio de recursos tecnológicos para ministrar uma boa aula, na qual o aluno de primeiro ano do Ensino Fundamental adquirisse o aprendizado da leitura?

A reinvenção das práticas enfrentou vários gargalos: dificuldade de acesso à internet pelos alunos, desmotivação dos pais em auxiliar nas atividades escolares, dificuldade de acesso aos recursos tecnológicos (SILVA, 2021), entre outros. Em uma pesquisa realizada numa escola municipal no Maranhão, apenas 20% dos professores acreditaram na consolidação da alfabetização via aulas remotas e a maioria deles, 75%, consideraram que seja parcialmente possível; proporções equivalentes à opinião dos entrevistados quando foram questionados sobre a eficiência da interação professor x aluno (SILVA, 2021).

Em um estudo realizado com professores da rede pública, verificou-se que 89% dos professores não tinham experiência em ministrar aulas remotas antes da pandemia, 42% relataram aprender por conta própria a utilizarem os recursos multimídias como recursos pedagógicos, 21% afirmaram não ter treinamento para trabalharem com as ferramentas de ensino remoto, 21% demonstraram dificuldade em lidar com tecnologias digitais, 82% responderam que o ensino remoto aumentou as horas de trabalho, 84% afirmaram que o envolvimento dos alunos diminuiu um pouco ou drasticamente durante a pandemia, 80% responderam que a principal dificuldade dos alunos consiste no acesso à internet e computadores, 74% das famílias demonstraram dificuldade em apoiar os estudantes, 53% dos alunos apresentaram falta de motivação e 38% desconhecimento em utilizar recursos tecnológicos. Até mesmo a saúde mental dos professores foi afetada; 69% afirmaram ter medo e insegurança por não saberem como será o retorno à normalidade e 50% afirmaram ter medo em relação ao futuro com o uso das tecnologias de informações (OLIVEIRA, 2020).

Com esses estudos é possível observar que os desafios da alfabetização ou ensino/aprendizagem em tempos de pandemia foram afetados em toda comunidade escolar (professores, pais e alunos). Além disso, dois extremos ficaram em evidência: profissionais da educação sem a formação adequada para ministrar aulas remotas e reduzida participação e envolvimento dos alunos nas aulas, se dentro do ambiente alfabetizador já era um desafio, ainda mais remotamente.

Os professores passam por muitos desafios: planejamento de aula com o uso de recursos tecnológicos pouco conhecidos e manter a atenção das crianças por muito tempo, o que requer criatividade dos professores em preparar aulas remotas mais atrativas e mais tempo para preparo das atividades. A isso soma-se a insatisfação de muitos pais que não aprovam esse método de ensino e não ajudam os filhos a desenvolverem as atividades escolares. Dessa forma, criança é a que mais sofre em termos de aprendizagem (BASTOS, 2021).

A fase de alfabetização e letramento é a etapa mais complexa para se utilizar os recursos digitais na educação dos anos iniciais,

[...] pois essa etapa tem como uma de suas bases a necessidade de continuidade das experiências em torno da interação, troca de experiências, afetividade, do lúdico e do desenvolvimento social, emocional da criança buscando propiciar um contexto adequado para a ampliação do processo de letramento (BASTOS, 2021, p. 2).

A gestão das diferenças entre os alunos é considerada um dos maiores desafios para o professor, pois o avanço do conteúdo lecionado depende da assimilação pelos alunos com maior dificuldade de aprendizagem. Esse gargalo culmina em outro: na geração de uma turma cujos alunos apresentam diferentes graus de conhecimento. Dessa forma, o professor deve usar diferentes estratégias pedagógicas para nivelar o nível de conhecimento dos alunos, buscando trabalhar as peculiaridades de cada um. Assim, em suas condições, os profissionais da área da educação tiveram que adaptar as aulas à variedade de ritmos de aprendizagem dos alunos. Esta flexibilidade requer do professor conhecimento, didática e utilização de recursos atrativos, que os façam interessar pelas aulas, a fim de conseguir ofertar o melhor ensino possível.

Em tempos de pandemia, o celular se configurou como uma importante ferramenta de comunicação na educação entre professores e familiares dos alunos, por meio de aplicativos de conversas, principalmente o *WhatsApp* (CARDOSO; SANCHES; CAMPOS, 2021). “Ao realizarem as atividades e interagirem no grupo de *WhatsApp*, os alunos expressam seus conhecimentos, esclarecem dúvidas e emitem opiniões, se sentem parte fundamental no processo de ensino e aprendizagem” (LEITE, 2021, p. 2). Por outro lado, nas aulas on-line, a exclusão digital silencia muitos alunos, impossibilitando sua participação nas aulas e discussões (PACÍFICO; MARTINS, 2021). Mesmo o uso de materiais impressos e videoaulas não consiste no ideal de acesso à educação. Nesse sentido, o ensino emergencial remoto não contempla plenamente todos os estudantes (ZACHARIAS-CAROLINO; LUCCA, 2021).

1) Como o docente irá planejar um ensino de emergência/remoto para as mais diversas realidades sociais de crianças, jovens, adultos e idosos, sobretudo àqueles cujo acesso à tecnologia inexistente ou é precário? 2) Como planejar e ressignificar as estratégias próprias de aulas presenciais, garantindo o acesso e a aprendizagem de todos? Alfabetizar exige afetividade, interação entre pares, jogos, brincadeiras, leituras, conversas, dramatizações, registros diversos, livros e outros materiais, portanto, como garantir que essas atividades ocorram de modo à distância? 3) Muitas dessas atividades, associadas às interações entre as crianças e entre as crianças e os professores, requerem a observação, participação, complementação e intervenção dos professores, para se garantir e ampliar o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a aula remota é um padrão que não permite este gerenciamento pedagógico e essa observação fundamental para se avançar no processo de alfabetização (ABALF, 2020, p.1-2).

Afinal, os professores conseguiram alfabetizar seus alunos em tempos de pandemia? A alfabetização no Brasil sempre foi um desafio, portanto a apresentação de dificuldades dos alunos e professores pode orientar o desenvolvimento de políticas públicas, a fim de atenuar as desigualdades nesse contexto. Assim, é fundamental a formação continuada do professor, inclusive sobre a manipulação dos recursos digitais aplicados à alfabetização. Desse modo, a responsabilidade para superar esse desafio parte da união de esforços por parte de escola, família e estado (BASTOS, 2021).

Considerações Finais

A pandemia ocasionada pela Covid-19 provocou profundas mudanças no sistema de ensino, assim como agravou os problemas de acesso ao ensino de qualidade, sobretudo à alfabetização, e modificou profundamente o convívio social em todas as suas facetas, inclusive o ambiente escolar. As medidas sanitárias impostas para combater o coronavírus criaram uma limitação para o retorno das atividades escolares presenciais, pois nem todas as escolas têm infraestrutura adequada para segui-las.

A adaptação das escolas ao ensino emergencial remoto escancarou a desigualdade de acesso a uma educação de qualidade. Para amenizar essas desigualdades, o poder público investiu em

infraestrutura nas escolas para favorecer a adaptação ao ensino remoto emergencial, que agrega recursos pedagógicos como as redes sociais, plataformas de reuniões, aparelhos multimídia e aplicativos de produtividade. Entretanto, os professores não passaram por uma sólida capacitação sobre o uso desses recursos e seu emprego na sala de aula. Dessa forma, eles despenderam boa parte do seu tempo para aprender a manuseá-los de forma independente.

Os alunos também não estavam preparados para essa modalidade e foram os que mais sofreram para se adaptarem a essa nova realidade; principalmente aqueles de famílias com baixa renda. Essas famílias não têm recursos financeiros para aquisição de planos de internet de qualidade e aparelhos eletrônicos, limitando os alunos ao acesso de um ensino de qualidade. Com isso, a alternativa mais viável foi o uso de cadernos com atividades impressas, devido à maior praticidade.

A alfabetização é crucial para a progressão do aluno no período escolar. A pandemia suscitou o ineditismo dessa prática pedagógica a distância, colocando em dúvidas sua eficiência e eficácia. Pois, no modo presencial ela é trabalhada de modo peculiar, envolvendo a interação entre alunos e professores, sobretudo de forma lúdica. Os prejuízos na alfabetização devem ser mitigados com a adoção de políticas públicas que reforcem o conteúdo lecionado durante o ensino remoto, para que os alunos não potencializem suas dificuldades em anos escolares posteriores.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALFABETIZAÇÃO. **Posicionamento da ABALF sobre a reposição de aulas remotas na Educação Básica**. Ofício n.º 16/99 - GOE - APLO. Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://www.abalf.org.br/posicionamentos>. Acesso em: 15 set. 2021.

ALÇADA, Isabel. Políticas de leitura. In: NADALIM, Carlos Francisco de Paula. (Coord.) **Alfabetização baseada na ciência**: manual do curso ABC. Brasília: Ministério da Educação (MEC)/ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), 2021. p. 13–39. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=230:alfabetizacao-baseada-na-ciencia-abc&catid=16. Acesso em: 15 set. 2021.

ALVES, Lynn. Educação Remota: entre a ilusão e a realidade. **Revista Interfaces Científicas**, Aracajú, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>. Acesso em: 15 set. 2021.

ASSIS, Alessandra Santos.; LYRIO, Luzinete Barbosa; OLIVEIRA, João Danilo Batista. A meta de alfabetização de crianças na Bahia: cenários e perspectivas considerando os tempos de pandemia. **Revista Educação Básica em Foco**, Brasília, v.2, n. 4, p. 1-6, jan./ mar. 2021. Disponível em: <https://educacaobasicafoco.net.br/04/Artigos.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

BASTOS, Jucimara Moreira Couto. Alfabetização e letramento: desafio e possibilidades em tempo de pandemia. **Revista Educação Básica em Foco**, Brasília, v.2, n.4, p. 1-6, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://educacaobasicafoco.net.br/04/Artigos.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos. Resolução **CNE/CEB n.º 11**, de 7 de julho de 2010. Brasília, DF: CNE/CEB, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/15074-ceb-2010-sp-1493348564>. Acesso em: 15 set. 2021.

CARDOSO, Maria Angélica; SANCHES, Fabiana Gheysa do Nascimento; CAMPOS, Viviane Gregório Barbosa. Alfabetização e letramento: o pensado e o vivido em tempos de pandemia – Campo Grande/MS (2020-2021). **Revista Educação Básica em Foco**, Brasília, v.2, n.4, p. 1-6, jan./mar. 2021.

Disponível em: <https://educacaobasicaemfoco.net.br/04/Artigos.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. 1 ed. São Paulo: Unesp, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez: 2017.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

LEITE, Maria Aparecida Fernandes. Alfabetização e letramento: desafios em tempo de pandemia. **Revista Educação Básica em Foco**, Brasília, v.2, n.4, p. 1-6, jan./ mar. 2021. Disponível em: <https://educacaobasicaemfoco.net.br/04/Artigos.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

LOPES, João. Ensino e aprendizagem da leitura: fundamentos e aplicações. *In*: NADALIM, Carlos Francisco de Paula. (Coord.) **Alfabetização baseada na ciência**: manual do curso ABC. Brasília-DF: Ministério da Educação (MEC) / Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), 2021. p. 107-128. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=230:alfabetizacao-baseada-na-ciencia-abc&catid=16. Acesso em: 15 set. 2021.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MORAIS, José. **Alfabetizar em democracia**. 1 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Resolução SEE nº 2.197**, de 26 de outubro de 2012, p. 1-20. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://orientaeducacao.files.wordpress.com/2017/02/resoluc3a7c3a3o-see-nc2ba-2-197-de-26-de-outubro-de-2012.pdf>. Acesso em: 16 de set de 2021.

MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais**. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais -SEE/MG, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%AAncia%20do%20Ensino%20M%C3%A9dio.pdf>. Acesso em: 16 de set de 2021.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2004.

OLIVEIRA, Elida. **Quase 90% dos professores não tinham experiência com aulas remota antes da pandemia; 42% seguem sem treinamento, aponta pesquisa**. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/08/quase-90percent-dos-professores-nao-tinham-experiencia-com-aulas-remotas-antes-da-pandemia-42percent-seguem-sem-treinamento-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2021.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano; MARTINS, Noilma Alves. Alfabetização, letramento e autoria: desafios e possibilidades em contexto de pandemia. **Revista Educação Básica em Foco**, Brasília, v.2, n.4, p. 1-6, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://educacaobasicaemfoco.net.br/04/Artigos.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA, Antônia Maria Cardoso. Alfabetização e letramento em tempos de pandemia: realidades e desafios. **Revista Educação Básica em Foco**, Brasília, v.2, n.4, p. 1-6, jan. /mar. 2021. Disponível em: <https://educacaobasicaemfoco.net.br/04/Artigos.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.25, p. 5-17, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRrZk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2021.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2017.

ZACHARIAS-CAROLINO, Aline Gasparini; LUCCA, Tatiana Andrade Fernandes. Desafios do trabalho pedagógico na alfabetização no contexto da pandemia em uma rede pública de ensino do interior paulista. **Revista Educação Básica em Foco**, Brasília, v.2, n.4, p. 1-6, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://educacaobasicaemfoco.net.br/04/Artigos.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

Recebido em 31 de janeiro de 2022.
Aceito em 05 de dezembro de 2022.